

# Derrotar outra vez o PSDB

08/10/2014



JUAREZ GUIMARÃES

*Ao se defrontar, enfim, com uma oposição forte e dotada de um forte discurso contraditório, a longeva hegemonia de Aécio Neves em Minas veio abaixo. Será diferente no Brasil?*

Antes de qualquer prognóstico sobre o segundo turno das eleições presidenciais, é preciso antes prestar contas dos erros e acertos cometidos sobre a avaliação feita sobre os resultados do primeiro turno.

Ao se prever que uma vitória no primeiro turno de Dilma Rousseff era possível, mas uma vitória no segundo turno – contra Aécio ou Marina – era muito provável, estabelecia-se uma escala de possibilidades.

Em primeiro lugar, a vitória no primeiro turno, embora anunciada por vários índices de aferição ociosos, não se realizou. É preciso entender, em primeiro lugar, porque o possível não aconteceu.

Ora, a ultrapassagem de Marina por Aécio ocorreu na última semana e seguramente sua votação de 33,5% se fez possível por uma aceleração deste movimento nos últimos dois dias que precederam as eleições. Isto ocorreu porque houve um movimento político-midiático organizado pela direção nacional do PSDB convergente nesta direção: já na segunda-feira as manchetes dos jornais de circulação nacional, em compasso com pesquisas no *Jornal Nacional*, anunciadas de dois em dois dias, combinando Ibope e Datafolha, passaram a se centralizar nesta hipótese. O debate na Rede Globo na quinta-feira expressou uma espécie de clímax e sua edição no dia seguinte no *Jornal Nacional* confirmou esta hipótese.

A concentração de críticas a Marina por parte da campanha de Dilma, somado à diferenciação crítica produzida pela campanha de Aécio, aceleraram as tendências de queda de Marina. Ao mesmo tempo, sem contraditório, Aécio pôde fazer, enfim, o seu movimento de nacionalização que havia sido interrompido com o acidente que vitimou Eduardo Campos e seus companheiros.

Esta dramatização política, que atualizava as razões do voto contra Dilma, contribuiu para diminuir e conter o seu crescimento para além dos 41,5%. O epicentro desta operação político-midiática foi exatamente São Paulo, onde o PSDB era mais forte e a campanha de Dilma mais vulnerável, mas espalhou-se com força pelo Sul do país (com exceção do RS) e pelo Centro-oeste, territórios que, em menor proporção, reproduzem este quadro.

Esta operação política-midiática de um Aécio renovado e empoderado quer agora transitar para um protagonismo vitorioso no segundo turno. Retoma-se a estratégia chamada pelo PSDB, de um “mutirão das oposições”, isto é, a conquista de uma vitória no segundo turno que não se justifica positivamente como alternativa mas apóia-se na rejeição ao que aí está.

Neste quadro, mantém-se a avaliação de que a vitória de Dilma no segundo turno é provável, tal como formulada no ensaio “O que virá neste outro outubro?”. Por que?

## **O paradoxo Minas**

Se temos hoje um paradoxo de um candidato à presidente da República derrotado em seu próprio estado, mas vitorioso em outros dez, inclusive por larga margem no principal colégio eleitoral do país, é preciso explicá-lo. Aécio ficou cerca de 4% atrás de Dilma, com 39% dos votos em seu próprio estado, passou a maior parte de setembro amargando uma terceira posição e nunca conseguiu se estabilizar muito para além dos 40%, apesar de universalmente conhecido pelos mineiros. Além disso, seu candidato a governador foi derrotado no primeiro turno por 11% de diferença em relação ao candidato do PT, com pouco mais de 41% dos votos. O PSDB teve diminuída sua bancada na Assembleia Legislativa para nove deputados nestas eleições.

Uma boa explicação para a votação muito fraca de Aécio em Minas deveria consultar várias razões convergentes: o histórico recente de maus resultados do PSDB nas eleições de 2010, a força da candidatura Pimentel em relação à má performance da candidatura de Pimenta da Veiga, os desgastes junto a movimentos sociais importantes da última gestão do governo pelo PSDB. Mas a principal delas é que havia uma ilusão sobre a força política de Aécio: a ausência de uma oposição forte e de um forte contraditório em Minas havia aberto a possibilidade de passar de uma condição eleitoral majoritária para um “consenso passivo” dos mineiros, que votaram majoritariamente em Lula, por duas vezes, e em Dilma, mas continuavam votando no PSDB para o governo estadual.

Uma forte oposição com um forte contraditório fez desmanchar esta ilusão: “Minas não tem dono”, foi a frase mais forte que ecoou da candidatura Pimentel nestas eleições. A cisão da política revelou as bases sociais e regionais do aecismo, a sua dificuldade de passar para uma condição majoritária ou tendencialmente universalizante.

A verdade é que mesmo antes do acidente que vitimou Eduardo Campos e da ascensão de Marina, Aécio já mostrava muito dificuldade para ascender nacionalmente. Esta oportunidade veio na última semana do primeiro turno quando, como assinalamos, Aécio pôde crescer sem o contraditório, retomando o mote do anti-petismo. Aécio fez assim neste primeiro turno o caminho de sua nacionalização. Agora tem diante de si o desafio da conquista da maioria dos votos no segundo turno. Conseguirá?

## **“Muda mais”? Ou “mutirão das oposições”?**

Uma maioria de segundo turno se forma somando minorias, isto é, agregando forças políticas, regionais, sociais, culturais. Em um quadro político como o brasileiro no qual a maior parte da população não tem uma identidade partidária pré-fixada, esta soma ou agregação de minorias para formar uma maioria não se faz só pela convergência de lideranças (embora ela seja importante) mas em torno a uma ideia-força catalizadora. Foi assim na eleição de Collor, foi assim nas eleições de Lula ou Dilma.

Qual é a ideia-força de Aécio? Ela não pode ser mais a rejeição ao governo Dilma que apresenta um quadro excedente importante de ótimo/bom em relação ao péssimo/ruim e que é considerado regular por uma parcela expressiva. Pois ela não forma uma maioria, pois em setembro isto mudou e é muito improvável que a popularidade do governo Dilma se deteriore. Seria, então, o eixo anti-petismo-corrupção? Reconhecemos que ele forma hoje sentimentos proto-majoritários em certos contextos, isto é, que crescem de forma virulenta se não encontram uma resposta à altura. Mas Aécio, como político e como representante do PSDB, está em condição mesmo de liderar uma cruzada republicana nacional em defesa da ética? Será possível demonstrar exatamente o contrário: que o PSDB é um dos partidos mais anti-republicanos do país, profundamente marcado pela corrupção e em particular pelo acobertamento e impunidade destes crimes. Parece-nos pouco provável que esta cruzada ética se apresente majoritariamente convincente.

Qual é a idéia-força de Dilma? Penso que é o “Muda mais”, isto é, uma disputa sobre as mudanças e o futuro, que se opõe ao retrocesso, enuncia as conquistas, reconhece seus limites e afirma o que será feito de novo. Na nossa avaliação, esta ideia-força – em sua identidade pública e social e em seu contraditório com Aécio – tem maior poder de polarização do que o anti-petismo-corrupção de Aécio. Em torno dele, pode-se formar uma larga maioria ao mesmo tempo que demonstra a condição política e social minoritária de Aécio.

As três grandes dificuldades de Aécio neste segundo turno – o paradoxo mineiro, a votação muito minoritária no Nordeste, a dificuldade de fazer convergir todas as forças de oposição para sua candidatura – têm relação, no fundo, com a estreiteza histórica da base política e social do PSDB.

As três grandes dificuldades de Dilma neste segundo turno – São Paulo, o anti-petismo e a possibilidade de uma convergência de todas as forças de oposição contra ela – podem, ao contrário, ser parcialmente superadas pela força do “Muda Mais”.

O segundo turno terá três momentos concentrados: o da acomodação dos votos do primeiro ao segundo turno, o da disputa identidade-contraditório e a convergência final de cristalização e decisão de voto. O primeiro momento já começou e quanto antes começar o segundo para nós é melhor: agora, horas são dias, dias são meses e neste mês de outubro se definirá o futuro do Brasil pelos próximos anos.

Compartilhe nas redes: